

Artigo Original

# Sentidos e representações da atividade humana para terapeutas ocupacionais no Brasil

## *Meanings and representations of human activity for occupational therapists in Brazil*

Isadora Cardinalli<sup>a</sup> , Carla Regina Silva<sup>b</sup> 

<sup>a</sup>Universidade de Pernambuco – UPE, Recife, PE, Brasil.

<sup>b</sup>Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.

**Como citar:** Cardinalli, I., & Silva, C. R. (2024). Sentidos e representações da “atividade humana” para terapeutas ocupacionais no Brasil. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 32, e3855. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO397138551>

### **Resumo**

A constituição de terminologias profissionais, como acontece no caso da terapia ocupacional, sofre interferência dos contextos linguísticos, socioculturais e políticos, providos de relações de poder. O enunciado “atividade humana” tem expressividade no contexto brasileiro, mas se depara com o uso de outros termos e pouca investigação sobre seus sentidos, aprofundamentos e contradições conceituais. Esta pesquisa buscou mapear a construção de sentidos conceituais e as representações culturais do enunciado “atividade humana” nos discursos de terapeutas ocupacionais no Brasil. Foi realizada uma pesquisa-intervenção de caráter arqueogenalógico e cartográfico, com a composição de três escavações sobre: discursos científicos, relatos profissionais e narrativas sobre experiências. Cada escavação avança na imersão contextual e registra sentidos de um enunciado entretecido por crítica e sensibilidade, que vem sendo sustentado por experiências de transformação. Com base nos sentidos experienciais, aprofundou-se em possíveis representações culturais que favoreceram esse enunciado no processo de empoderamento profissional, reunindo seis marcas da formação social, política e epistemológica no contexto: posicionamento de oposição à opressão; expressão de empoderamento popular pela transformação social; constituição da perspectiva profissional como direito social; ampliação da base de fundamentos profissionais; enfoque no processo, com tendência transdisciplinar; e uma busca por crítica, coerência e responsabilidade frente aos dilemas do mundo e da produção de conhecimento.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional, Atividades Humanas, Difusão Cultural, Epistemologia, Discurso.

Recebido em Maio 19, 2024 ; 1ª Revisão em Jul. 31, 2024; Aceito em Ago. 22, 2024.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

### **Abstract**

The constitution of professional terminologies, as in the case of occupational therapy, is interfered by linguistic, sociocultural and political contexts, provided by power relations. The statement “human activity” is expressive in the Brazilian context, but is faced with the use of other terms and little investigation into its meanings, deepening and conceptual contradictions. This research sought to map the construction of conceptual meanings and cultural representations of the statement “human activity” in the speeches of occupational therapists in Brazil. An archaeogenealogical and cartographic intervention research was carried out, with the composition of three excavations on: scientific discourses, professional reports and narratives about experiences. Each excavation advances in contextual immersion and records meanings of a statement interwoven by criticism and sensitivity, which has been supported by experiences of transformation. Based on experiential meanings, it delved deeper into possible cultural representations that favored this statement in the process of professional empowerment, bringing together six marks of social, political and epistemological formation in the context: positioning opposition to oppression; expression of popular empowerment through social transformation; constitution of the professional perspective as a social right; expansion of the professional fundamentals base; focus on the process, with a transdisciplinary tendency; and a search for criticism, coherence and responsibility in the face of the dilemmas of the world and the production of knowledge.

**Keywords:** Occupational Therapy, Human Activities, Cultural Diffusion, Epistemology, Discourse.

## **Introdução**

O estudo de terminologias é central para compreender processos de constituição e transformação dos campos de saberes e práticas, cujas análises históricas contribuem para mostrar como termos aparecem e ganham sentidos, aprofundamentos e contradições, ao envolver diferentes perspectivas teóricas e uma polissemia conceitual (Barros, 2016).

Publicações nacionais e internacionais em terapia ocupacional apresentam uma gama terminológica, porém, “ocupação” aparece hegemonicamente na literatura global como representação do objeto profissional e “atividade” tem expressividade no discurso histórico brasileiro. O campo de debates sobre os termos tem registrado uma disputa, uma hierarquização ou mesmo um intercâmbio entre eles, mais do que investigado seus sentidos, aprofundamentos e contradições, ou mesmo suas aproximações e diferenciações (Castro et al., 2001; Pierce, 2003; Chan, 2007; Quarentei, 2007; Ivarsson & Müllersdorf, 2008; Magalhães & Galheigo, 2010; Bauerschmidt & Nelson, 2011; Lima et al., 2011, 2013; Magalhães, 2013; Salles & Matsukura, 2016; Figueiredo et al., 2020; Cardinalli & Silva, 2021; Martins Cazeiro et al., 2022).

Hammell (2009) questiona o fato da literatura do Norte Global raramente contestar suposições básicas que acabam sendo mantidas sobre como se compreende “ocupação”, visto que foi determinado culturalmente, ainda que seja considerado natural e universal. A produção hegemônica anglo-saxã da terapia ocupacional propaga uma perspectiva científica positiva, unitária e neutra, com pouco diálogo com as ciências humanas e sociais, e acusa outras perspectivas de não defenderem o fortalecimento profissional. Essa

aceitação acrítica revela traços messiânicos diante de textos que acabam sendo considerados sagrados e seus pressupostos, valores e crenças perpetuam o etnocentrismo e imperialismo teórico como forma de colonialismo intelectual (Hammell, 2009).

A terapia ocupacional predominantemente disseminada no Brasil remete ao contexto histórico-social estado-unidense do início do século XX, com alto poder dominador em seu processo de ascensão imperialista. Contrapondo-se com territórios latino-americanos, os quais foram seus alvos privilegiados, com centenas de anos sendo saqueados e explorados pela colonização, culminando em governos autoritários, financiados para o progresso capitalista, que implementaram processos de homogeneização cultural. A terapia ocupacional foi providencial com seu estímulo à ocupação, reabilitação e inserção profissional, representando embasamento técnico-científico na modernização discursiva, em prol dessa concepção desenvolvimentista, sem considerar sua dimensão exploratória (Maroto, 1991; Monzeli, 2019).

Condições desiguais são complementares dentro da dinâmica global do poder e tal relação se sustenta com a reprodução de símbolos e conceitos do discurso dominante no contexto dominado. Essa reprodução acrítica, sob aval da neutralidade científica, homogeneiza a diversidade de experiências e contextos existenciais, mas não apaga as contradições ético-políticas existentes desde a dominação colonial.

A linguagem é elemento cultural que expressa modos de viver e compreender a existência, revelando a força do poder dominador. Estima-se que eram faladas mais de mil línguas indígenas no território brasileiro até o início do século XVI e mais de duzentas línguas africanas foram introduzidas entre 1550 e 1850. Hoje, esse multilinguismo foi reduzido a dois por cento da população, mesmo considerando dezenas de línguas da imigração europeia e asiática (estimuladas em um projeto de embranquecimento racial na virada do século XX) e centenas de línguas indígenas em vias de desaparecimento (Lucchesi, 2017).

Restringindo à etimologia da língua dominante (português brasileiro), proveniente do tronco indo-europeu, vê-se que a proximidade entre “ocupação” e “atividade” remete à sua origem comum “ação”, mas se distanciam em sentido. “Ocupar” expressa poder e domínio, “estar na posse de” e “conquistar”, representando destaque social. E “ativo” remete à qualidade do ser vivo, ser ágil, “que exerce ação, que age”, estabelecendo relações existenciais (Cunha, 2010).

O dicionário Michaelis (2021), que mostra o uso popular da língua no país em seus processos socioculturais e políticos, mostra que “ocupação” se refere a uma “atividade de qualquer ordem que se realiza por determinado período de tempo” ou “trabalho remunerado que constitui a principal atividade de uma pessoa; emprego, ofício, serviço”, nomeando a Classificação Brasileira de Ocupações e o setor de Saúde Ocupacional, por exemplo. Também seria um “ato ou efeito de ocupar ou de se apoderar de qualquer coisa”, “geralmente de modo arbitrário”, tendo emprego recorrente nos discursos jurídico e militar para indicar invasão, posse e controle de um espaço/tempo (Michaelis, 2021).

Já o termo “atividade” se refere à “qualidade do que é ativo”, “devido ao fato de estar vivo”, podendo representar um “conjunto de trabalhos, ações ou funções específicas que se fazem com um fim determinado”. Sua expressão está presente em discursos educacionais, filosóficos e psicológicos, revelando um empoderamento singular: “[...] modo do ser que age ou tem capacidade de ação, não sendo, portanto, meramente receptivo ou passivo” (Michaelis, 2021).

Nesse contexto, buscou-se mapear a construção de sentidos conceituais e as representações culturais do enunciado “atividade humana” nos discursos de terapeutas

ocupacionais no Brasil. Ressaltamos que esta pesquisa não propôs um estudo comparativo entre conceitos do discurso profissional, a opção pelo termo não dominante globalmente se fez pelo respeito à trajetória singular brasileira e o desejo de afirmação de experiências contracoloniais. Em um campo permeado por diversos afetos, não se trata de exaltar a competição entre processos distintos ou de buscar restringir possibilidades de uso e composição entre termos utilizados pela profissão.

## Metodologia

*A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para prospecção do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava (Benjamin, 2012, p. 245).*

A pesquisa-intervenção de caráter arqueogenealógico e cartográfico, aqui sintetizada, é fruto de um processo de doutoramento em Terapia Ocupacional (Cardinalli, 2022), que se dedicou à investigação do enunciado “atividade humana” em discursos de terapeutas ocupacionais no Brasil. A arqueologia do saber busca pelas condições de formação de enunciados, reconstituindo momentos e acontecimentos de seu surgimento e transformação, e a genealogia do poder busca pelas relações assimétricas que estruturam esse saber, como também propõe uma insurreição contra elas para criticá-las e transformá-las (Souza, 2014).

A investigação do enunciado foi proposta em três escavações junto a: discurso científico, relatos profissionais e narrativas sobre experiências. Enunciados, nesse contexto, podem ser palavras ou expressões que também são acontecimentos, portanto, não se esgotam na língua ou no sentido (Foucault, 2016a). Ao avançar no reconhecimento dos vetores enunciativos, reconfiguram-se processos investigativos e analíticos para alcançar a expressão experiencial de acontecimentos, ativando um caráter cartográfico, que se encarrega de acompanhar processos de produção de fazeres-saberes, seus desdobramentos e seu potencial disparador da criação de novos sentidos (Barros & Silva, 2014).

A *primeira escavação*, realizada em 2019, envolveu uma revisão de literatura para compreender os usos, embasamentos e significados da terminologia em periódicos nacionais e internacionais da área. A busca pelos descritores “atividade(s) humana(s)” e “terapia ocupacional” envolveu as seguintes bases de dados: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, Scientific Electronic Library Online – SciELO e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – LILACS; além dos portais: Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo e Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional – REVISBRATO.

A *segunda escavação*, realizada em 2020, após análise dos dados da primeira etapa e aprovação da pesquisa no Comitê de Ética<sup>1</sup>, buscou por relatos de profissionais atuantes no Brasil por meio de um questionário on-line, com dez questões sobre: perfil profissional, utilização de terminologias e compreensão do enunciado. No final, havia uma consulta sobre o interesse em participar da etapa posterior da pesquisa. A divulgação

---

<sup>1</sup>Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos, cujo número do parecer é 3.402.197.

do questionário envolveu redes sociais, órgãos representativos, grupos de pesquisa e a solicitação de compartilhamento entre colegas.

A terceira escavação, no mesmo ano, após análise dos dados e seleção de participantes da etapa anterior, iniciou com um convite para escrita de cartas-narrativas sobre experiências que relatassem a atividade humana em acontecimento, seja em cenas profissionais ou pessoais, protagonizadas ou observadas, e suas elaborações de sentidos.

Nos três itens a seguir, apresentaremos os resultados de cada escavação, descrevendo qualitativamente seus sentidos e especificidades, revelando categorias temáticas não padronizadas. Para a cartografia, interessa a expressão de *linhas de visibilidade, de dizibilidade, de força* das palavras e coisas e *de subjetivação* que inventam modos de existir, o que requer abertura aos encontros mobilizadores do processo da pesquisa (Kastrup & Barros, 2012).

Nos dois itens de análise e discussão, há uma composição entre as três escavações, em que destacamos sentidos experienciais do enunciado e seis marcas da formação social, política e epistemológica do contexto que indicam possíveis representações culturais do enunciado “atividade humana” para a terapia ocupacional no Brasil.

### Escavação 1: nuances conceituais na literatura

As buscas apresentaram 93 achados, sendo os critérios de inclusão na análise: haver autores terapeutas ocupacionais brasileiras(os), ter formato de artigo e mencionar o enunciado atividade(s) humana(s) nos metadados do arquivo. Foram incluídos 60 artigos<sup>2</sup> na análise geral, por apresentarem o enunciado no título, resumo ou descritores, porém, desses, apenas 49 artigos entraram na análise conceitual, por mencionarem o enunciado no decorrer do texto (Figura 1).

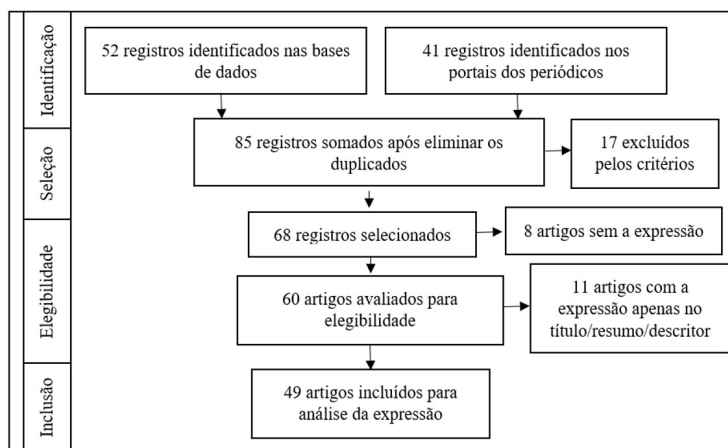


Figura 1. Fluxograma PRISMA sobre a revisão de literatura.

Os 60 artigos foram publicados entre os anos de 1991 até meados de 2019, com uma tendência ascendente nas publicações a partir dos anos 2000. Somou-se 44 terapeutas ocupacionais na autoria e, em relação às regiões do país, 50 (83%) referiram a Sudeste,

<sup>2</sup>A listagem de artigos não foi inserida neste texto, mas pode ser acessada na íntegra no apêndice 1 de Cardinali (2022, p. 90-95).

cinco (8,3%) a Nordeste, quatro (6,7%) a Sul e uma (2%) a Centro-Oeste. Estão publicados em 11 periódicos, sendo que 46 (75%) em revistas de terapia ocupacional brasileiras e 12 (20%) em revistas nacionais interdisciplinares ou de outras áreas. Apenas três periódicos são estrangeiros (5%), sendo dois de terapia ocupacional e um da saúde.

Em relação aos 49 artigos da análise conceitual, reuniram 143 aparições do enunciado, com 80 (56%) delas referenciadas. Duas citações indicaram as publicações do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – COFFITO e do Folder do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – FMUSP, de 1997. As áreas do saber das demais citações, foram: 51 de terapia ocupacional, nove de filosofia, cinco de ergonomia, cinco de sociologia, três de ciências sociais, dois de psicologia e uma para antropologia, educação, ergologia, geografia, pedagogia, psicanálise, psiquiatria e medicina. A análise da utilização do enunciado nessas publicações se baseou nos usos dos conceitos nas ciências sociais (Barros, 2016), qualificando cada uma das 143 aparições:

- 1) *Termo*: menciona o enunciado ao relatar procedimento técnico em terapia ocupacional, o que indica que há uma noção geral implícita, pois não é descrita diretamente (24 aparições em 18 artigos);
- 2) *Categoria*: o enunciado também é mencionado sem descrição de significado, aparecendo de forma relacionada a outros conceitos predominantes, como “trabalho”, “brincar”, “comer” e “arte”, que são consideradas atividades humanas, ou como parte de outra categoria maior como “ergologia” e “terapia ocupacional” (25 aparições em 20 artigos);
- 3) *Conceito empregado*: o enunciado é acompanhado de uma compreensão embasada por outra área do conhecimento, sobretudo as ciências humanas e sociais, com destaque para filosofia (24 aparições em 10 artigos). A. S. Vazquez, M. Kagan, Y. Schwartz, S. Kemmis, H. Lefévre, F. Guattari, A. C. Gil, L. Durrive e F. Rotelli foram autores referenciados. Os trechos de tais citações foram registrados no *software* Atlas.ti 8, para gerar uma nuvem de palavras que mostra visualmente a proporção das palavras mais repetidas, dando sentidos ao conceito empregado (Figura 2).



Figura 2. Nuvem das palavras que envolvem o uso do conceito empregado.

4) *Conceito* elaborado: o enunciado, na maioria dos casos, é concebido a partir de raciocínio terapêutico ocupacional, ainda que dialogue com autores de outras áreas. Das 70 menções (em 22 artigos), 29 propunham conceituações, 34 referenciavam outros terapeutas ocupacionais e sete referiram autores de filosofia (H. T. Engelhardt Jr., K. Marx, P. Dardot e Y. Schwartz), sociologia (C. Laval, R. Antunes e R. Castel), geografia (D. W. Harvey) e ergologia (L. Durrive). As palavras mais frequentes dos trechos referidos geraram uma nuvem de palavras, com apoio do Atlas.ti 8, mostrando sentidos do conceito elaborado (Figura 3).



Figura 3. Nuvem das palavras que envolvem o conceito elaborado.

Em uma análise dos sentidos das 70 menções do *conceito* elaborado, propôs-se seis categorias de sentidos conceituais da atividade humana para terapia ocupacional, após leitura, combinação e repetidas sintetizações de todos os trechos relacionados. As formas de nomear tais categorias sintetizadas e sua ordem de apresentação foram definidas pelo repertório linguístico e teórico-metodológico em terapia ocupacional das pesquisadoras, contudo, entende-se que suas compreensões são complexas e que tais elementos somente podem ser compreendidos em relação uns com os outros, por isso, são percebidas semelhanças entre as subcategorias.

- Qualidades* das atividades humanas (32 ocorrências): mobilizam formas de perceber a si, o mundo e a efetivação da vida; traduzem um espaço-tempo experiencial disponível à criação; dispararam uma relação transformadora entre sujeito-mundo; articulam níveis contextuais indissociáveis;
- Dinâmicas contextuais* das atividades humanas (14 ocorrências): envolvem esferas contextuais, como história, realidade social, cotidiano, modo de vida, cultura, paradigma etc.;
- Desdobramentos possíveis* das atividades humanas (cinco ocorrências): acionam percepções singulares sobre si e/ou seus coletivos de pertencimento;
- Atividades humanas são *recurso técnico* (cinco ocorrências): envolvem expectativas sobre o uso terapêutico ou benéfico das atividades;

- e) Atividades humanas são compreendidas como *conhecimento* (29 ocorrências): representam um saber-fazer complexo e transdisciplinar embasado na experiência; seu conhecimento compõe de maneira fundamental a terapia ocupacional (TO);
- f) Atividades humanas compõem *concepções de terapia ocupacional* (16 ocorrências).

## Escavação 2: elaboração relatada por profissionais

O questionário virtual recebeu 81 respostas, contudo, sete assinalaram não utilizar o enunciado atividade humana, seguindo 74 respostas para análise conceitual.

Em relação ao perfil das 81 participações, 95% indicaram já ter realizado ou estar em processo de formação pós-graduada *lato* ou *stricto sensu*, sendo que 65% declarou atuação técnica na assistência ou na clínica, seguido da docência no Ensino Superior (33%), na pesquisa acadêmica ou independente (20%) e em consultoria, gestão ou empreendimento (15%). Dentre as regiões de atuação no país, 75% são da Sudeste, 14% da Sul, 6% da Nordeste, 2,5% da Norte e 2,5% da Centro-Oeste. Foram indicadas como áreas de atuação: saúde mental (54%); deficiências (42%); fundamentos (41%); desenvolvimento (39%); cultura (36%); social (33%); artes (32%); saúde coletiva (31); trabalho corporal (26%); educação (26%); reabilitação (24%); hospitalar (12%); saúde do trabalhador (6%); trabalho (6%); e 1% em outras, como: relações étnico-raciais, gênero e sexualidade; práticas integrativas; e meio ambiente e sustentabilidade.

Em relação ao uso de terminologias, havia uma questão fechada que indicava 14 termos, pré-escolhidos pelas pesquisadoras, com resposta condicionada a três frequências de uso (sempre; algumas vezes; ou nunca utilizo). Os termos sugeridos foram: ação, ação humana, atividade, atividade humana, ato, ato humano, cotidiano, fazer, fazer humano, modo de vida, ocupação, ocupação humana, práxis e vida cotidiana. Os de uso mais frequente foram: cotidiano (60 indicações em “sempre”), atividade (59), atividade humana (52), vida cotidiana (50), fazer (50), fazer humano (41) e modo de vida (38). Os termos utilizados algumas vezes foram ação (34 indicações), ação humana (31), práxis (30), fazer humano (28), ocupação (28) e ocupação humana (22). E os menos utilizados são ato humano (51 indicações em “nunca”) e ato (47).

As 74 pessoas que seguiram para a parte específica sobre a compreensão do enunciado, responderam perguntas abertas: Em sua compreensão, o que as atividades humanas representam para a terapia ocupacional? Como as atividades humanas estão relacionadas à sua atuação, investigação e/ou docência? Você indica algum(ns) referencial(is) teórico-metodológico(s), autor(as/es) (terapeuta ocupacional ou não) ou área do saber que te ajudam a pensar sobre atividades humanas?

Em relação aos referenciais, 67 participantes somaram 354 indicações<sup>3</sup> entre áreas do conhecimento, temas ou teorias, autores, obras e organizações. Dentre as áreas: terapia ocupacional; filosofia; antropologia; artes; saúde mental; sociologia; psicologia; biologia; ciências cognitivas; ciências sociais; contexto social; cultura; educação; estudos do corpo; estudos indígenas; física e química quântica; história; linguagem; literatura; saúde; saúde coletiva; trabalho. E dentre temas: cotidiano; cosmopolítica; estudos pós-coloniais; perspectiva ecológica; perspectivismo ameríndio; realidade latino-americana; teoria da complexidade.

---

<sup>3</sup>A listagem completa de referenciais indicados, com o quantitativo de sua correspondência, pode ser acessada em Cardinalli (2022, p. 76-77).



Na análise sobre os sentidos do enunciado, após leitura, composição e sintetização das respostas, as pesquisadoras propuseram quatro categorias relacionadas aos raciocínios profissionais relatados. Diferente da análise conceitual da literatura, os sentidos estiveram mais autocentrados nas experiências profissionais, sendo que cada resposta reuniu mais de uma categoria, mas, didaticamente, serão apresentadas em ordem de maior para menor expressão nos relatos escritos.

- A) *Tecnologia de atuação*: as atividades humanas são propostas durante a atuação em terapia ocupacional como um ponto de partida para elaboração, indicam demandas interventivas, são vistas como dispositivos avaliativos ou interventivos ou propositivos e como objetivos da atuação (109 respostas envolvidas);
- B) *Conhecimento teórico-prático*: as atividades humanas são consideradas conhecimentos de grande relevância para a terapia ocupacional, base profissional, síntese da especificidade profissional, ou mesmo exclusividade do seu campo, sendo nomeadas como objeto, elemento, eixo, foco, forma, modo, conceito, léxico, referência, estudo, tema, saber, saber-fazer, campo, centro, cerne, base, fundamento, essência, ciência ou “tudo”, um saber que emerge da elaboração sobre seus fazeres (60);
- C) *Ação relacional*: as atividades humanas são descritas como mediadoras de encontros, um investimento no estar, agir e fazer conjuntamente, agenciadoras de/para deslocamentos, ativadoras e articuladoras do tecido coletivo-social-cultural. Essa característica relacional é valorizada por conectar corpos, sujeitos, coletivos e territórios, terapeuta ocupacional e pessoas acompanhadas, sendo destacada como uma parte sensível e singularizada do processo e seus deslocamentos e desdobramentos ao mapear, expressar, afirmar, problematizar, agenciar, potencializar, cultivar movimentos, novos caminhos, transformação, expansão, ampliação de limites e horizontes, recriação, invenção, produção ou desconstrução (60);
- D) *Dimensão cultural*: as atividades humanas são compreendidas como uma expressão sobre quem se é e como se vive, produções culturais relacionadas aos contextos, cotidianos, vidas, caracterizando gestos e gerando novas modulações, independente da atuação da terapia ocupacional. Aparece como expressão singular intrínseca à coletividade, cultura, vida e aos grupos sociais, envolvendo também elementos não humanos, o que inclui a produção de sentidos, significados e ressignificações das formas de existir ativamente, criativamente, de forma transformadora no mundo (55).

### **Escavação 3: narrativas da experiência**

Após a análise e proposição das categorias da escavação anterior, as pesquisadoras destacaram as respostas de participantes que abrangeram os quatro sentidos categorizados, o que significou a indicação de 18 participantes para a próxima escavação.

Considerando a pesquisa-intervenção cartográfica, que acompanha os fluxos e afetos, essa nova etapa foi formulada para acolher a elaboração de experiências de forma sensível, com base em memórias sobre os modos de fazer-pensar a atividade humana de cada terapeuta ocupacional. O convite para escrita de cartas-narrativas se tornou um dispositivo para fazer pensar a atividade humana em acontecimento. A escrita de cartas a serem enviadas, de acordo com Foucault (2014), age pelo gesto da escrita e pela leitura

de quem a recebe, estabelecendo relações consigo e com outros que podem gerar diferentes efeitos.

As(os) 18 participantes receberam o convite, também em formato de carta, com o pedido para que escrevessem cartas contando uma cena em que percebessem a atividade humana em acontecimento, não sendo necessário ser parte de processo terapêutico ocupacional ou ser protagonizada por quem escreve. Considerando o momento de enfrentamento da pandemia de Covid-19, quatro pessoas justificaram sua não participação, totalizando o recebimento 14 cartas-narrativas.

As cartas abordaram acontecimentos relacionados ao próprio cotidiano e modo de vida (oito cartas) e/ou relacionados à sua atuação em terapia ocupacional (oito cartas), sendo que duas narraram ambos processos. Em relação ao espaço de tempo envolvido, oito cartas apresentam cenas pontuais, três relatam um período de tempo estendido por semanas a meses e três sobrevoam anos a décadas de suas trajetórias profissionais.

As cenas narradas destacaram quatro analisadores que, para cartografia, são elementos que visam revelar processos desnaturalizando generalizações estereis, negando qualquer intenção de simplificação para reprodução acrítica e mostrando de forma sintética o não-dito do acontecimento (Barros & Barros, 2014).

- I) *Singularidades*: narrar as atividades humanas convocou dinâmicas cotidianas, modos de vida, memórias afetivas e laços prévios. Foram apresentadas contextualizações históricas, sociais e culturais, dentre outras, que compõem uma constelação singular situada sobre as condições que envolvem tal acontecimento. Houve uma tessitura complexa de diferentes elementos nesse acontecer que relaciona pessoas, contextos, expressões culturais (materiais e/ou imateriais) da atividade envolvida e suas múltiplas relações intrínsecas. A observação/análise da atividade humana em sua complexidade ofereceu oportunidade para conscientização sobre seus sentidos culturais, a partir do contexto em que se vive, e a possibilidade de transformação desses sentidos singularmente;
- II) *Relações e agenciamentos*: as atividades humanas em acontecimento foram narradas envolvendo encontros com outras pessoas, objetos e coisas do mundo, solicitando uma qualidade de presença e um corpo disponível à mediação. Narraram momentos de abertura para investimentos, proposições, agenciamentos, apostas ou convites que são aceitos e deslocam a situação para um movimento novo, uma transformação ou criação, relações e novas conexões que aconteceram no instante ou em momentos posteriores. Nessa escrita, apareceram, recorrentemente, questões reflexivas quando algo inesperado acontecia, não sendo perguntas que esperavam respostas fechadas, mas representavam uma abertura a novos fluxos reflexivos que solicitavam acompanhamentos duradouros, novos sentidos a serem experimentados e reconhecidos processualmente;
- III) *Processo e produção compartilhados*: as cenas destacaram um “estar com” e “fazer junto”, mostrando um registro coletivo-histórico-cultural-ancestral. Houve destaque descritivo para a forma e o ritmo do que se fazia, dos encontros promovidos e do agir conjuntamente, além do cuidado com a preparação desse encontro e o acolhimento do que pode derivar dele. Essa composição parecia gerar um corpo-coletivo mais preparado para perceber e enfrentar o que pudesse acontecer, mesmo quando as expectativas iniciais não eram alcançadas ou não se

realizam como o esperado, o que não foi visto como prejuízo ou falha. Tudo o que se viveu conjuntamente foi considerado processo e produto interessante para a vida e, conjuntamente, torna-se mais possível de encarar o imprevisível;

IV) *Apreciação da vida em ato*: nesses acompanhamentos, foram apreciados os diferentes desdobramentos, a beleza do testemunho da vida em sua complexidade, sustentando e/ou transformando conjuntamente o viver no mundo. Foram narrados em forma de sentimentos, impactos formativos, aprendizados da experiência, elaborações e reflexões, saberes-fazeres acumulados, memórias e sentidos do próprio repertório profissional/pessoal, reconhecendo toda produção de afetos, conhecimentos e marcas que foi acompanhada, registrada, afirmada e celebrada como parte da produção da vida.

### **Sentidos da Atividade Humana: Saber Sustentado na Experiência**

A primeira escavação, que parte da escrita científica, mostra uma preocupação em apontar os potenciais da atividade humana, considerando suas qualidades, dinâmicas e desdobramentos para atuação e assumindo um embasamento científico social e humano em terapia ocupacional. Explicita o exercício de elaboração conceitual robusto e crítico, pautado na relação teórico-prática da produção de conhecimento e no discurso sócio-histórico do campo profissional.

Na segunda escavação, em relatos profissionais, retoma-se a compreensão sobre a atividade humana significar tecnologia de atuação e conhecimento científico, porém, também se expande o horizonte de sentidos ao envolver os elementos da experiência profissional pela memória vivida, apreendida e encarnada, que propulsiona a construção desse conhecimento. Destaca-se sua característica relacional, comunicativa e conectora, assim como a percepção de que a atividade humana expressa uma dimensão cultural, sendo parte da vida das pessoas e independente da própria terapia ocupacional. O enunciado, aqui, não apareceu como um conceito fechado para orientar a prática, mas como um processo em elaboração, que depende da experiência profissional enquanto disparadora de reflexão.

A escrita das cartas, na última escavação, potencializou o caráter experiencial ao mostrar um raciocínio profissional narrativo singularizado, imerso na vida relacional, compartilhada, em sua incessante produção e apreciação. Narrar os acontecimentos mostrou a importância dos gestos, modos de fazer, relações, contextos e condições que são acompanhados em processos de terapia ocupacional, enfraquecendo uma lógica disciplinar ou protocolar que depende do controle dos resultados. Além de ter possibilitado a percepção da atividade em si, na sua própria experiência de vida, o que gera e acumula repertório para atuação profissional, assim como lembra que as atividades não existem sozinhas de forma abstrata, elas em si não são boas ou ruins, exemplares ou ideais e, por isso, são tão interessantes para o exercício analítico e propositivo. A atividade humana mostra a vida se fazendo em seus desafios e contradições, por isso, sua complexidade enquanto construção de conhecimento.

Enquanto conceito, que auxilia na comunicação e divulgação profissional, retoma a definição brasileira junto à World Federation of Occupational Therapists (2017) sobre a atividade humana significar um elemento orientador e centralizador da atuação em terapia ocupacional. Contudo, a ampliação de seus sentidos experienciais restaura sua

condição de acontecimento vivo, singular e cultural, cujas análises e elaborações foram expressas narrativamente. A narrativa se mostrou um dispositivo de potência, convidando “a pensar, suspender e interrogar nossas posições de saber e de poder para nos abrir ao coletivo”, já que ativam o “potencial de ser afetado”, atuando criticamente para desmontar o racionalismo moral e afirmar o “conhecimento corporificado” (Pozzana, 2014, p. 63).

Em metade das cartas, foi explicitado como a experiência da escrita gerou mobilizações, algumas indicando ter sido a primeira vez que olharam para as próprias atividades para pensar concepções de terapia ocupacional. Isso foi favorecido pela perspectiva de que a pesquisa também é intervenção, disparando novos afetos e criações, o que compõe a produção de dados na cartografia e convida a inventar e transgredir o funcionalismo positivo, para acompanhar os fluxos da pesquisa, de participantes e pesquisadores, gerando análises abertas ao devir (Barros & Barros, 2014).

A narratividade convoca uma tecitura relacional dos fazeres em seus acontecimentos, enquanto dispositivo, suas linhas de *visibilidade, dizibilidade, força e subjetivação* produziram movimentos de referência e diferenciação do conhecimento, de explicitação de processos de subjetivação das experiências e de transformação e produção de um novo território existencial (Kastrup & Barros, 2012), em sentido oposto ao da racionalidade hegemônica. A escrita de si, para Foucault, pode ser considerada um dispositivo ético de denúncia estrutural do poder ao vislumbrar procedimentos que retorcem as forças de subjetivação, seguindo formas mais livres, além de que autorar diante da dominação de um saber-poder se torna uma tecnologia de cuidado, um dispositivo transgressor que cuida do que se é (Butturi Junior, 2016).

## Representações Culturais da Atividade Humana

Um estudo crítico sobre terminologias requer considerar as condições e acontecimentos que se implicam na relação entre palavras e coisas (Foucault, 2016b), já que os significados de cada palavra mudam a depender dos contextos (Meillet, 2021). Isso porque a linguagem é cultural e ideológica, envolvendo sentidos nem sempre explícitos (Volóchinov, 2018), nos quais as relações de poder se exercem em busca de legitimação e dominação (Giordani, 2011).

Benjamin (2017) explica que o predomínio de linguagens consideradas universais é sustentado por mitos da criação, essencialismos e ontologias reproduzidos messianicamente pelos detentores de poder, que acabam interditando a fala aos considerados desprovidos (objetificados, historicamente, como o pagão, o louco, o selvagem, a mulher e todos aqueles que foram/são alvo de intervenções e interdições). “A linguagem não fornece jamais *meros signos*” (Benjamin, 2017, p. 63, grifo do autor).

O que corrobora a percepção de Hammell (2009) sobre o universalismo na terapia ocupacional é enaltecer acusações às perspectivas divergentes, como se representassem fragilização aos fundamentos profissionais ou falta de embasamento científico. Esse descrédito é um antigo mecanismo opressor que busca impedir a desobediência e a insubordinação à dominação colonial, machista e racista, entre outras que embasam a ciência positivista. Porém, a subversão também revela sua força de resistência, criação e diversificação, agregando empoderamento à profissão que, afinal, é composta

majoritariamente por mulheres e seus mecanismos de resposta às intervenções e interdições.

Para Freire (2022, p. 108), considerando nossa condição diante da estrutura de opressão, “[...] somente seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se”. O processo de conscientização sobre as condições de opressão envolve o reconhecimento das dinâmicas culturais, por isso, sua pedagogia é compreendida enquanto ação cultural libertadora (Freire, 2022).

Freire percebeu que a experiência colonial brasileira constituiu uma cultura do silêncio, com restrição de acesso ao conhecimento e distanciamento entre as regiões de concentração de riquezas ou tecnologias, além da dominação e exploração de povos originários e escravizados, consolidando uma ausência de diálogo social, o que se faz necessário para construir relações comunitárias, solidárias e democráticas (Lima, 2011). Tais experiências confluíram em um mutismo estratégico e nessa falta de consciência e criticidade se reproduzem com facilidade culturas de dominação, justificadas como condição natural, reproduzindo uma submissão cultural ao modelo dominador e mantendo disputas e opressões internamente (Freire, 2022).

Carneiro (2005) explicou como a destituição da racionalidade, cultura e civilização do outro gera epistemicídio, um elemento constitutivo da lógica racista do biopoder no Brasil (embora não apenas), ao perpassar pela negação, anulação e desqualificação dos conhecimentos de povos subjugados, assim como o sequestro e a assimilação cultural que lhes é imposta.

Nesse cenário desigual, opressivo e exploratório, questionamos o estímulo à ocupação como naturalmente benéfico. No uso popular, a palavra é considerada uma ação realizada com determinados fins ou significados, porém, sem consciência e crítica sobre esses resultados almejados, atua-se a favor dos poderes dominantes. Isso porque boas intenções não neutralizam palavras, culturas e históricos de opressão enraizados, sendo necessárias ações culturais transformadoras. Nesse sentido, atividade, também no uso popular, expressa “poder” a partir da pessoa que age, mostrando um ser ativo que pode se empoderar mesmo nessa realidade desfavorável.

Com base nos sentidos experienciais da atividade humana já apresentados, aprofundamos o debate em busca de possíveis representações culturais que favoreceram esse enunciado no processo de empoderamento profissional – em resposta à perspectiva dominadora que tenta desqualificar seu uso –, reunindo seis marcas da formação social, política e epistemológica no contexto.

A *primeira marca* é uma lembrança sombria do sentido opressor associado à palavra ocupação no contexto colonial brasileiro. A *ocupação do território* pela colonização, a partir de 1500, teve significado e finalidade explícitos de exploração. A promulgação republicana, apenas em 1889, refere uma construção democrática muito recente e ainda frágil após quase 400 anos enquanto colônia de exploração. Isso marcou o século XX com a sucessão de governos mais ou menos autoritários, construindo um discurso nacional-desenvolvimentista no país, com a finalidade de acelerar o desenvolvimento capitalista pela exploração da terra e do trabalho (Cepeda, 2012). O processo ditatorial mais recente teve a *ocupação militar* e a medicina eugenista como aliadas na repressão política e higienização social da população marginalizada, sobretudo utilizando do enclausuramento em instituições totais – contexto de inserção profissional de terapeutas

ocupacionais para oferta de tratamento moralizador (Nascimento, 1991; Soares, 1991; Salles & Matsukura, 2016).

A abolição da escravidão, promulgada em 1888, tornou o Brasil o último país das Américas a efetivá-la e o maior território escravista do hemisfério ocidental, instaurando um histórico profundo de racismo estrutural (Gomes, 2019). A narrativa de uma democracia racial foi proposta e difundida pelas elites de descendência europeia privilegiada, para dissolver as raízes africanas e indígenas, como mais uma estratégia do genocídio racial brasileiro (Nascimento, 1978). A institucionalização manicomial e assistencialista foi amplamente realizada para contenção das diferenças sociais, desapropriação existencial e controle dos corpos indesejados, amplificada pela falta de políticas reparadoras à população anteriormente escravizada. O biopoder racista e a necropolítica do estado (Mbembe, 2016) estenderam suas violações em caráter de tratamento e reabilitação profissional, com base moral e disciplinar, como admissão de uma “ressocialização” controlada.

A terapia ocupacional, inicialmente, foi destinada àqueles vistos como ociosos, que sofriam de um “vazio existencial” e, em contexto de isolamento em instituições totais, sua única possibilidade de ação reclusa era vista como trabalho e inserção social, já que, como muitos eram destinados à manutenção da própria instituição, não havia real perspectiva de alta. A *ocupação do tempo ocioso* tinha como finalidade o trabalho, já que o pobre não pode usufruir de ócio ou contemplação, reforçando o significado de ocupação como trabalho/emprego, porém, nesse contexto opressor e explorador (Nascimento, 1991; Soares, 1991; Galheigo, 2012). Tal fato corrobora a reflexão de que, com a falta de consciência e crítica da estrutura de poder estabelecida, acaba-se atuando a seu favor.

A *segunda marca* se registra com o empoderamento do movimento popular pela transformação social que incorporou crítica à terapia ocupacional e exaltou o uso do enunciado atividade humana. Com o enfraquecimento da Ditadura Militar, o processo de redemocratização e a emergência antimanicomial incidiram nas reformas sanitária e psiquiátrica da década de 1980, oferecendo à profissão um novo registro de esperança pela transformação social e política. Toda forma de promoção e tratamento em saúde, inclusive a terapia ocupacional, foi conquistada como direito a todo cidadão, não mais exclusiva para os sujeitos objetificados ou possível de ser custeada pelos economicamente favorecidos. Essa transformação, pautada na *desocupação institucional* e no investimento à atenção comunitária, modificou não somente as práticas como os discursos de terapeutas ocupacionais no sentido da emancipação social.

Nesse período, a incorporação do enunciado atividade humana e de referenciais das ciências humanas e sociais estiveram associados à ascensão de perspectivas críticas entre profissionais (Galheigo et al., 2018). Enquanto *ocupar* remetia a uma imposição que se esperava superar, *ativar* vigorava novas intenções, engajamentos, esperanças e empoderamento em transformar ativamente condições macropolíticas. A experiência de viver a mudança, realizar sonhos, experimentar e criar ressignificou intencionalidades da terapia ocupacional, convergindo em práticas que esgarçaram relações entre arte, clínica, política e vida cotidiana. Todas essas relações incorporam reflexões que redefiniram a terapia ocupacional da década de 1990 como

[...] um campo de conhecimento e de intervenção em saúde, educação e na esfera social, reunindo tecnologias orientadas para a emancipação e autonomia de pessoas que, por razões ligadas a problemática específica (físicas, sensoriais, mentais, psicológicas e ou sociais), apresentam temporária ou definitivamente dificuldade na inserção e participação na vida social. As intervenções em terapia ocupacional dimensionam-se pelo uso da atividade, elemento centralizador e orientador, na construção complexa e contextualizada do processo terapêutico (World Federation of Occupational Therapists, 2017, p. 11).

A *terceira marca* compreende o direito social em contraposição ao discurso econômico como fortalecimento da terapia ocupacional. A dimensão técnica da profissão se direciona a suas funções terapêutica, educativa e social, referindo-se à promoção de ações já *ocupadas* de sentidos benéficos. Esse funcionalismo propositivo, quando se pauta no desempenho individual como evidência de sucesso, não precisa considerar contexto, complexidade e subjetividade ou expressão de poder em relação ao sujeito acompanhado (visto como cliente ou paciente). A atuação voltada para demandas segmentadas tem como finalidade atender nichos do mercado, o qual comercializa produtos e serviços de saúde da mesma forma que vende superespecializações a seus profissionais, o que coloca tanto cliente como terapeuta na posição de consumidores. A lógica do capital, presente desde a implementação da profissão no país (Soares, 1991), contrasta com a compreensão da assistência como direito coletivo, que oportunizou o acompanhamento de pessoas, comunidades e cotidianos por meio de suas diversas atividades, ampliando seu discurso no sentido da cidadania e suas possibilidades de contribuição na emancipação social.

A *quarta marca* mostra a ampliação dos fundamentos profissionais, questionando o predomínio da racionalidade científica moderna como único fundamento valorizado. Quando a experiência é orientadora da construção singular, contextualizada e complexa, percebe-se um conhecimento corporificado e narrativo que sustenta saberes relacionados aos fazeres vivenciados, em sentido oposto ao discurso dominante que supervaloriza a evidência científica (em concepção restrita de ciência) como única base relevante para a prática profissional. Acompanhar, experimentar conjuntamente, sonhar e criar solicita bases contra hegemônicas e mobiliza outras formas de produção de conhecimento, por vezes, lidas como frágeis e acusadas de irem contra o fortalecimento profissional, como dito por Hammell (2009). Na elaboração conceitual, esses saberes se encontram com referenciais das filosofias, artes e ciências sociais, o que fortaleceram uma compreensão ética, estética, política e cultural das atividades humanas, com crítica e sensibilidade (Cardinalli & Silva, 2021; Cardinalli et al., 2021; Cardinalli, 2022).

A *quinta marca* é o enfoque no processo de acompanhamento, assistência e cuidado, que flexibiliza, adapta-se e amplia relações, com tendência transdisciplinar. A vida é um “*continuum* incessante de atividades”, coloca Quarentei (2001, p. 2), o que é fácil de perceber quando o foco é a conscientização dos fazeres e o acompanhamento processual de projetos de vida; mais do que o alcance de resultados ou propósitos da ação, destaca-se o “como”. Nesse sentido, a *atividade humana* não se fecha em um nicho profissional, não se torna finalidade ou objeto exclusivo e não interdita sua compreensão a quem não é do campo. Facilitar trânsitos entre saberes, profissões, práticas inter e transdisciplinares e com a população acompanhada reflete na sua construção e difusão sensível, disponível,

acolhedora, comunicativa, buscando usos comuns, comunitários. Em seus sentidos, *ativar* mostra empoderamento e convoca abertura para o movimento criador, conta da processualidade, estabelece relações e mudanças de sentido, mostra transformação e singularidade, sendo um enunciado em acontecimento, vivo.

E a *sexta e última marca* conta da abertura crítica e autocrítica nessa produção do conhecimento em busca de coerência – sobretudo, ao analisar os impactos da atividade humana, mas não apenas os positivos, visto que também prejudica a saúde humana quando superestimada pela produtividade neoliberal, por exemplo, e pode ser altamente destrutiva à vida no planeta, considerando o crescente agravamento da crise climática. Há um despertar para a responsabilização e a busca por possibilidades de enfrentamento de questões macroestruturais. Nesse sentido, são as disputas e universalismos que geram prejuízos e restrições para o campo profissional, tirando o foco das ações de cuidado, que precisam se atualizar, e gerando acusações e exclusões na produção de conhecimentos. A diversidade dos enunciados expressa a abrangência das formas de fazer, pensar, sentir e criar em terapia ocupacional, em busca de responder aos dilemas e demandas contemporâneos. A coexistência das diferentes formas de enunciar os acontecimentos e as diferentes compreensões contidas em um mesmo enunciado são decorrência do crescimento do campo, o qual também precisa questionar os próprios enunciados para que possam expandir enquanto conhecimento vivo que são.

## Considerações Finais

A escavação de sentidos atribuídos ao enunciado atividade humana por terapeutas ocupacionais no Brasil mostrou que o aprofundamento em contextos e experiências singularizadas favoreceu sua compreensão, inclusive, enquanto um saber sustentado pela experiência. Isso significou problematizar a lógica científica hegemônica em sua produção de valor, força e relevância, assim como possibilitou ampliar o mapeamento de seus sentidos, como: qualidades, dinâmicas contextuais e desdobramentos de um conhecimento teórico-prático, sua ação relacional e dimensão cultural enquanto acontecimento e a implicação de terapeutas ocupacionais sobre suas singularidades, agenciamentos, o processo e produção compartilhados e a apreciação da vida em ato. Tais categorias e analisadores sugerem elementos de apoio para análises narrativas de atividades, cotidianos e processos em terapia ocupacional.

Na discussão que aprofunda essa cartografia arqueológica, seis marcas sociais, políticas e epistemológicas são destacadas, indicando possíveis representações culturais da atividade humana, que acompanham o fortalecimento da terapia ocupacional no país: posicionamento de oposição à opressão; expressão de empoderamento popular pela transformação social; constituição da perspectiva profissional como direito social; ampliação da base de fundamentos profissionais; enfoque no processo, com tendência transdisciplinar; e uma busca por crítica, coerência e responsabilidade frente aos dilemas do mundo e da produção de conhecimento.

Dentre os movimentos gerados por essa pesquisa, ressaltamos a construção metodológica produzida de maneira singular para acompanhar a atividade de pesquisa e seu campo temático da produção de fazeres e saberes com base em experiências contra-hegemônicas. Esse processo caminha em direção à contracolonização, pautada por



perspectivas quilombolas e indígenas, e à produção de confluência, como propôs Antonio Bispo Santos (2018, p. 9):

No dia em que as universidades aprenderem que elas não sabem, no dia em que as universidades toparem aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar –, no dia em que as universidades toparem aprender a arquitetura indígena e toparem aprender para que servem as plantas da caatinga, no dia em que eles se dispuserem a aprender conosco como aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. Uma confluência entre os saberes. Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas desse lugar. Uma contracolônização.

Construções universalistas reforçam o efeito e a reprodução do poder hegemônico, que se recompensa ao se institucionalizar, mostrando que a produção e o controle da riqueza dependem da produção de verdades (Foucault, 2018). No acompanhamento dos deslocamentos que levaram ao enunciado atividade humana, deparamo-nos com questões existenciais, mais do que identitárias, afinal, quais tipos de produções temos gerado e queremos gerar como terapeutas ocupacionais? O que temos feito e queremos fazer diante dos poderes estabelecidos?

Acreditamos que afirmar enunciados e seus usos em estudos e práticas terapêuticas ocupacionais se refere à produção de sentidos e realidades. Cada afirmação traz consigo diferentes dimensões, potencialidades e limites alinhados a determinadas perspectivas e formas de estar e conceber mundos. Que possamos estar mais conscientes das escolhas, adoções, reproduções, resistências e criações. E que possamos ousar minimizar as incorrências entre discurso e ação, para que o discurso em ação produza transformações necessárias em um mundo que urge por elas.

## Referências

- Barros, J. D. (2016). *Os conceitos: seus usos nas ciências sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Barros, L. M. R., & Barros, M. E. B. (2014). O problema da análise em pesquisa cartográfica. In E. Passos, V. Kastrup & S. Tedesco (Eds.), *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum* (pp. 175-202). Porto Alegre: Sulina.
- Barros, M. E. B., & Silva, F. H. (2014). O trabalho do cartógrafo do ponto de vista da atividade. In E. Passos, V. Kastrup & S. Tedesco (Eds.), *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum* (pp. 128-152). Porto Alegre: Sulina.
- Bauerschmidt, B., & Nelson, D. L. (2011). The terms occupation and activity over the history of official occupational therapy publications. *The American Journal of Occupational Therapy*, 65(3), 338-345.
- Benjamin, W. (2012). *Rua de mão única: obras escolhidas* (Vol. 2). São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, W. (2017). Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In W. Benjamin (Ed.), *Escritos sobre mitologia e linguagem* (pp. 49-74). São Paulo: Duas Cidades, Editora 34.
- Butturi Junior, A. (2016). A autoria, o dispositivo e a ética: os limites da (des)subjetivação na escrita. *Alfa*, 60(3), 507-530.
- Cardinalli, I. (2022). *Ninho de nós: sentidos da atividade humana em terapia ocupacional* (Tese de doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Cardinalli, I., & Silva, C. R. (2021). Atividades humanas na terapia ocupacional: construção e compromisso. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e2880.

- Cardinalli, I., Cardoso, P. T., Silva, C. R., & Castro, E. D. (2021). Constelações afetivas: cotidiano, atividades humanas, relações sociais e terapia ocupacional entrelaçados à cosmovisão Krenak. *Interface: a Journal for and About Social Movements*, 25, 1-15.
- Carneiro, A. S. (2005). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Castro, E. D., Lima, E. M. F. A., & Brunello, M. I. B. (2001). Atividades humanas e terapia ocupacional. In M. M. R. P. Carlo & C. C. Bartalotti (Eds.), *Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas* (pp. 41-59). São Paulo: Plexos Editora.
- Cepeda, V. A. (2012). Inclusão, democracia e novo-desenvolvimentismo: um balanço histórico. *Estudos Avançados*, 26(75), 77-90.
- Chan, S. (2007). Occupations and activities: a revisit of occupational therapy's core values in the local context. *Hong Kong Journal of Occupational Therapy*, 17(1), 34-36.
- Cunha, A. G. (2010). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Figueiredo, M. O., Gomes, L. D., Silva, C. R., & Martinez, C. M. S. (2020). A ocupação e a atividade humana em terapia ocupacional: revisão de escopo na literatura nacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(3), 967-982.
- Foucault, M. (2014). A escrita de si. In M. Foucault, *Ditos e escritos* (Vol. V: Ética, Sexualidade, Política, pp. 141-157). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2016a). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2016b). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2018). *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2022). *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Galheigo, S. M. (2012). Perspectiva crítica y compleja de la terapia ocupacional: actividad, cotidiano, diversidad, justicia social y compromiso ético político. *TOG (A Coruña)*, 9(5), 176-189.
- Galheigo, S. M., Braga, C. P., Arthur, M. A., & Matsuo, C. M. (2018). Produção de conhecimento, perspectivas e referências teórico-práticas na terapia ocupacional brasileira: marcos e tendências em uma linha do tempo. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 26(4), 723-738.
- Giordani, R. L. (2011). *As relações de poder exercidas através do discurso*. (pp. 1-18). Covilhã: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação.
- Gomes, L. (2019). *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares*. Rio de Janeiro: Globo Livros.
- Hammell, K. W. (2009). Sacred texts: a sceptical exploration of the assumptions underpinning theories of occupation. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, 76(1), 6-13.
- Ivarsson, A.-B., & Müllersdorf, M. (2008). An integrative review combined with a semantic review to explore the meaning of Swedish terms compatible with occupation, activity, doing and task. *Scandinavian Journal of Occupational Therapy*, 15(1), 52-63.
- Kastrup, V., & Barros, R. B. (2012). Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In E. Passos, V. Kastrup & S. Tedesco (Eds.), *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum* (pp. 76-91). Porto Alegre: Sulina.
- Lima, E. M. F. A., Okuma, D. G., & Pastore, M. N. (2013). Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 21(2), 243-254.
- Lima, E. M. F. A., Pastore, M. N., & Okuma, D. G. (2011). As atividades no campo da terapia ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 22(1), 68-75.
- Lima, V. A. (2011). *Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire*. Brasília: Editora UnB.
- Lucchesi, D. (2017). A periodização da história sociolinguística do Brasil. *D.E.L.T.A.*, 33(2), 347-382.

- Magalhães, L. (2013). Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 21(2), 255-263.
- Magalhães, L., & Galheigo, S. M. (2010). Enabling international communication among Brazilian occupational therapists: seeking consensus on occupational terminology. *Occupational Therapy International*, 17(3), 113-124.
- Maroto, G. N. (1991). *Terapia ocupacional: discurso e prática no Estado de São Paulo* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Martins Cazeiro, A. P., Barcellos, V. F., Fernandes, R. D., Costa, M. C., Takeiti, B. A., & Correia, R. L. (2022). Concepts de actividad, ocupación y cotidiano: un estudio exploratorio con estudiantes de terapia ocupacional. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, 23(1), 125-139.
- Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *Eclipse*, (32), 123-151.
- Meillet, A. (2021). *Como as palavras mudam de sentido*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Michaelis. (2021). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Recuperado em 5 de fevereiro de 2021, de <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>
- Monzeli, G. A. (2019). *Histórias da terapia ocupacional na América Latina: processos de criação dos primeiros programas de formação profissional* (Tese de doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Nascimento, A. (1978). *O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Nascimento, B. A. (1991). *Loucura, trabalho e ordem: o uso do trabalho e da ocupação em instituições psiquiátricas* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Pierce, D. (2003). Desembaraçando ocupação e atividade. *Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional*, 8(8), 13-26.
- Pozzana, L. (2014). A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In E. Passos, V. Kastrup & S. Tedesco (Eds.), *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum* (pp. 42-65). Porto Alegre: Sulina.
- Quarentei, M. S. (2001). Terapia ocupacional e produção de vida. In *Anais do VII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional* (pp. 1-8). Porto Alegre.
- Quarentei, M. S. (2007). Do ocupar à criação de territórios existenciais. In *Anais do X Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional* (pp. 1-11). Goiânia.
- Salles, M. M., & Matsukura, T. S. (2016). Conceitos de ocupação e atividade: os caminhos percorridos pela literatura nacional e de língua inglesa. In T. S. Matsukura & M. M. Salles (Eds.), *Cotidiano, atividade humana e ocupação: perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental* (pp. 13-35). São Carlos: EdUFSCar.
- Santos, A. B. (2018). Somos da terra. *Piseagrama*, (12), 44-51.
- Soares, L. B. T. (1991). *Terapia ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?* São Paulo: HUCITEC.
- Souza, R. L. (2014). *O poder e o conhecimento: introdução ao pensamento de Michel Foucault*. Salvador: EDUFBA.
- Volóchinov, V. (2018). *Marxismo e a filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34.
- World Federation of Occupational Therapists – WFOT. (2017). *Definition of occupational therapy and statement on occupational therapy and the definitions of occupational therapy used by WFOT member organizations*. Recuperado em 22 de julho de 2020, de <https://www.wfot.org/resources/definitions-of-occupational-therapy-from-member-organisations>

### **Contribuição das Autoras**

Isadora Cardinalli realizou a pesquisa, a análise dos dados e a proposição do texto sob orientação de Carla Regina Silva. Ambas as autoras são responsáveis pela revisão e discussão dos dados e a aprovaram a versão final do texto.

### **Fonte de Financiamento**

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Código 001.

### **Autora para correspondência**

Isadora Cardinalli  
e-mail: isadora.cardinalli@gmail.com

### **Editora de seção**

Profa. Dra. Patrícia Leme de Oliveira Borba